

# Contribuições da Tradutologia à Transposição Interparadigmática

Contributions from Translatology to Interparadigmatic Transposition

Contribuciones de la Traductología a la Trasposición Inter-paradigmática

Otto Mendonça\*

\* Psicólogo. Mestre em Economia Política do Turismo Internacional. Tradutor público juramentado e intérprete de conferências. Voluntário da Pré-Instituição Conscienciocêntrica Centro Internacional de Paremiologia (CIP).

ottomendonca@yahoo.com

## Palavras-chave

Analogia  
Teorias da Tradução  
Tradução

## Keywords

Analogy  
Translation  
Translation theories

## Palabras-clave

Analogía  
Teorías de la Traducción  
Traducción

## Resumo:

O presente artigo é uma contribuição à discussão acerca da transposição interparadigmática a partir da ótica das teorias da tradução. O conceito de transposição paradigmática foi publicado pela primeira vez no trabalho *O Princípio da Intercompreensão nas Relações Paradiplomáticas entre CCCI e Socin*, de autoria de Alexandre Zaslavsky, publicado neste mesmo periódico no vol. 12, n. 4. A partir da Tradutologia, o artigo objetiva caracterizar as diferentes analogias que podem ser estabelecidas entre a transposição paradigmática e a tradução, a fim de que os estudiosos possam escolher a analogia mais pertinente às suas perspectivas teóricas. Para isso, o texto traz as abordagens ao termo “tradução” feitas no trabalho de Zaslavsky e de outros pesquisadores da Conscienciologia. Em seguida, aborda as teorias da tradução e analisa a pertinência destas quanto às possíveis analogias. O texto conclui resumizando as teorias abordadas e os objetivos propostos.

## Abstract:

This article is a contribution to the discussion about interparadigmatic transposition from the perspective of translation theories. The concept of paradigmatic transposition was first published in the work *The Principle of Intercomprehension in Paradiplomatic Relations Between the ICCC and Socin*, by Alexander Zaslavsky, published in vol. 12, n. 4 of this same journal. Through Translatology the article aims to characterize the different analogies that can be established between the paradigmatic transposition and translation, so researchers can choose the analogy most relevant to their theoretical perspectives. To do this, the text reflects on the approaches made to the term “translation” by Zaslavsky’s work and in the works of other Conscienciology researchers. Then, it addresses the translation theories and analyses their relevance with regard to possible analogies. The text concludes by summarizing the theories addressed and the objectives proposed.

## Resumen:

El presente artículo es una contribución a la discusión acerca de la trasposición inter-paradigmática a partir de la óptica de las teorías de la traducción. El concepto de trasposición paradigmática fue publicado por primera vez en el trabajo “*O Princípio da Intercompreensão nas Relações Paradiplomáticas entre CCCI e Socin*” (“*El Principio de la Intercomprensión en las Relaciones Paradiplomáticas entre la CCCI y la Socin*”), de autoria de Alexandre Zaslavsky, publicado en este mismo periódico, vol. 12, Nº 4. A partir de la Traductología, el artículo objetiva caracterizar las diferentes analogías que pueden ser establecidas entre la trasposición paradigmática y la traducción, con la finalidad de que los estudiosos puedan elegir la analogía más pertinente a sus perspectivas teóricas. Para ello, el texto cita los abordajes del término “traducción” hechas en el trabajo de Zaslavsky y de otros investigadores de la Conscienciología. Seguidamente, aborda las teorías de la traducción y analiza la pertinencia de estas respecto a las posibles analogías. El texto concluye agregando las teorías abordadas y los objetivos propuestos.

Artigo recebido em: 29.01.2015.

Aprovado para publicação em: 30.05.2016.

## INTRODUÇÃO

O artigo “*O Princípio da Intercompreensão nas Relações Paradiplomáticas entre CCCI e Socin*”, de autoria do conscienciólogo Alexandre Zaslavsky (2008), trata de um ensaio acerca da transposição paradigmática na condição de método para o diálogo entre a *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional* (CCCI) e a Sociedade Intrafísica (Socin).

A transposição interparadigmática é também um método para o diálogo entre o paradigma consciencial e o paradigma científico vigente. Por isso, ela é estudada no âmbito da revista *Interparadigmas*, a qual integra as iniciativas de aproximação da CCCI com as Universidades.

Dada a relevância do tema, este autor – na condição de tradutor e intérprete profissional – gostaria de contribuir para a discussão com subsídios provenientes das teorias da tradução, campo de estudo da Tradutologia. O objetivo é caracterizar melhor a analogia que pode ser estabelecida entre a transposição paradigmática e a tradução, a fim de que os estudiosos da Interparadigmologia (Paraepistemologia) possam selecionar a analogia mais adequada aos seus pontos de vista.

O artigo está dividido em três partes: a primeira, *Abordagens ao termo “tradução”*, a partir de pesquisa bibliográfica, resgata o uso da palavra e do conceito de tradução no texto de Zaslavsky e de outros pesquisadores da Conscienciológica. A segunda parte, *Teorias da tradução*, também a partir de pesquisa bibliográfica, apresenta os constructos da Tradutologia capazes de servir como analogia à transposição entre paradigmas. Em seguida, cada uma das teorias é discutida na *Análise das analogias*, após o que se conclui o artigo com um resumo das teorias abordadas.

### I. ABORDAGENS AO TERMO “TRADUÇÃO”

Segundo Anthony Pym (2007, p. 24), os discursos da filosofia ocidental relacionam-se historicamente com os estudos da tradução de três modos, conforme segue:

1. Filósofos usam o conceito de tradução como metáfora para suas especulações.
2. Teóricos e práticos da tradução referem-se a diferentes linhas filosóficas para corroborar suas ideias ou práticas.
3. Filósofos, tradutores e estudiosos comentam a tradução de discursos filosóficos.

A Conscienciológica segue a primeira tendência histórica apontada por Pym, e também faz uso da tradução como metáfora para propor neoconceitos e criar neologismos. A seguir, relacionamos e comentamos, brevemente, 3 empregos dessa metáfora por diferentes autores conscienciológicos.

Alexandre Zaslavsky, no artigo mencionado acima, usa o termo tradução em dois momentos. Em primeiro lugar: “Sob esse aspecto coloca-se a necessidade da paradiplomacia, a saber, para fazer a mediação ou *tradução epistemológica* entre paradigmas distintos...” (ZASLAVSKY, 2008, p. 333). Aqui, o autor faz analogia da transposição com a tradução *lato sensu*.

No mesmo texto, abordando o conceito *stricto sensu* de tradução – tradução interlinguística – Zaslavsky escreve em seguida (2008, p. 333 e 334):

Transposição é o ato de retirar algo de seu contexto originário e colocá-lo em outro, fazendo os ajustes necessários. A origem etimológica da palavra transposição é “tradução” – transpor é traduzir. Considerando que cada idioma traz consigo um mundo próprio, toda tradução é uma adaptação para possibilitar acesso ao significado original.

A partir disso, na página 334, o autor define que “Transposição interparadigmática é o emprego, sempre complexo, de construto pertencente a paradigma específico em âmbito de outro paradigma”.

Na conclusão, o artigo citado reafirma na página 335 o princípio da intercompreensão “... enquanto parâmetro paradiplomático para a CCCI”, e diz que o mecanismo da aplicação desse princípio “... seria a transposição interparadigmática, operação epistêmica em que se procuraria compreender os referenciais do interlocutor...”.

Outros autores da Conscienciologia também seguem a tendência histórica descrita por Pym (2002), e empregam o termo “tradução” para significar operações de transposição em geral. Na Enciclopédia da Conscienciologia, o verbete *Multitraduciologia* (FERNANDES, 2013), por exemplo, traz na definição a ideia de “... transpor determinada realidade em outra semanticamente concordante visando a amplificação coerente da Intercomunicologia...”.

Por outro lado, no verbete *Traduciologia* (VIEIRA, 2014, p. 1.407), fala-se de “operação que consiste em fazer passar o *Enuntiatum* emitido numa determinada língua –, a *língua-fonte* –, para o equivalente em outra língua –, a *língua-alvo* –, ambas conhecidas pelo tradutor e, desse modo, o termo ou discurso original se torna compreensível para alguém que desconhece a língua de origem”.

A intenção deste artigo é, na linha da definição de Vieira, contribuir com subsídios teóricos da Tradutologia para a caracterização das possíveis analogias entre a transposição interparadigmática e a tradução, considerando-se esta enquanto operação *interlingual*, isto é, “a reformulação de uma mensagem num idioma diferente daquele em que foi concebida” (RÓNAI, 1981, p. 16).

## II. TEORIAS DA TRADUÇÃO

Na condição de operação entre dois idiomas diferentes, é preciso considerar o que a tradução é, e o que não é, capaz de fazer. Em primeiro lugar, “as línguas diferem essencialmente naquilo que *devem* expressar, e não naquilo que *podem* expressar” (JAKOBSON, 1971, p. 69). Assim, a rigor, como Antony Shugaar expõe em seu ensaio *Translation as a Performing Art* (2014): “As pessoas falam sobre palavras intraduzíveis, mas, de certo modo, não existe isso. Podemos precisar de três palavras, um período inteiro, ou até de um parágrafo interpolado, mas qualquer palavra pode ser traduzida” (tradução nossa).

A palavra pode ser traduzida, por outro lado, todo o referencial cultural por trás do que foi traduzido pode acabar se perdendo. A ordem sintática da língua-alvo (língua-meta; língua de chegada) pode encobrir a mundivisão da língua-fonte (língua de partida). Como o próprio Shugaar afirma: “Contudo, a não ser que se transforme o livro traduzido em uma enciclopédia de referências culturais, não há como lidar com o problema maior: *mundos* intraduzíveis.” (tradução nossa).

A problemática da intraduzibilidade dos diferentes “mundos” pode ser ilustrada pelo princípio da relatividade linguística, ou hipótese de Sapir-Whorf. Esse princípio postula que a língua do falante condiciona sua visão de mundo, a sua “realidade”. O contrário também é verdadeiro, ou seja, a percepção de mundo do falante condiciona a sua língua. Desse modo, “Língua e realidade são interdependentes” (BREDELLA & RICHTER, 2004, p. 522).

O exemplo dado por Vinay e Darbelnet (1958, p. 58), e desenvolvido por Georges Mounin (1963, p. 55), exemplifica o princípio da relatividade linguística. O fato é um só – o homem deparou-se com o rio. Porém, ele queria chegar do outro lado da margem para alcançar o que desejava, e o fez. O anglófono dirá: *he swam across the river*. O lusófono afirmará: *ele cruzou o rio a nado*. Ambas as línguas na ordem canônica, isto

é, na ordem direta da oração, aquela que sinaliza como os nativos daquela cultura organizam os átomos cognitivos da sua pensividade. Para o primeiro, o que tem primazia é a ação concreta – *he swam*. A partir dessa ação concreta no mundo (a realização de 1 verbo), pensa-se no modo como a ação foi feita – *across the river*. Para o segundo, o prioritário é deslocamento no espaço, entendido de modo formal e abstrato – *cruzou*. A ação concreta, prioridade para o inglês, torna-se apenas advérbio para o português, um acessório explicando como o cruzamento do espaço foi realizado – *a nado*. O mesmo fato, interpretações diferentes. E isso é irredutível entre as duas línguas. Normalmente, não se fala em inglês – *he crossed the river swimming*. Também pouco se fala em português – *ele nadou através do rio*.

A partir da perspectiva da relatividade linguística, a tradução ou não captará a diferença na base da mundivisão do outro (“ele cruzou o rio a nado” não é o mesmo, cognitivamente, que “*he swam across the river*”) ou criará uma versão com modificações sintáticas artificiais (“ele nadou através do rio” e “*he crossed the river swimming*”). Essa tradução com modificações sintáticas gera a *interlíngua*.

A interlíngua, conforme definida no verbete homônimo da Enciclopédia da Conscienciologia (MENDONÇA, 2013), diz respeito a “... dois ou mais idiomas em situação de contato, produzindo interseção linguística indefinida com elementos de ambos os códigos de comunicação...”. A interlíngua pode ser idioletal, isto é, uma condição do próprio indivíduo, ou dialetal – uma condição compartilhada por certa comunidade de falantes. Vale lembrar que a proporção entre os idiomas participantes de certa interlíngua não é necessariamente equitativa. A predominância de um ou outro, segundo o verbete citado, “... depende do *background* linguístico do falante ou da população envolvida.” O exemplo mais popular de interlíngua no Brasil é oportunhol.

Outra teoria tradutória pertinente ao escopo deste artigo se origina dos trabalhos do linguista Eugene Nida. No texto *Principles of Correspondence* (2012), Nida diz que não existem equivalentes interidiomáticos idênticos. O que existe é a “equivalência formal” e a “equivalência dinâmica” ou funcional. Na equivalência formal, o tradutor busca reproduzir de modo o mais literal possível o confor do texto-fonte. Ele usa notas de rodapé para fazer explicações dos termos e da cultura. O leitor precisa trabalhar em cima do texto para realmente compreendê-lo. É o que acontece com textos eruditos traduzidos para o público ilustrado que busca fidedignidade na informação.

A filosofia da equivalência formal é defendida por Lawrence Venuti em sua obra *The Translator's Invisibility*. Para Venuti (2008), essa “abordagem estrangeirizante” preserva mais o confor e a mundivisão da língua de partida, por mais estranho sejam eles à cultura da língua de chegada. Antoine Berman (2007) é outro teórico que propugna a estrangeirização por meio do privilégio à “letra” do original.

Ainda de acordo com Nida (2012), em contraposição à equivalência formal existe a equivalência dinâmica. Esta se fundamenta no princípio do efeito equivalente. A proposta do tradutor é, então, que a relação entre a mensagem traduzida e o receptor seja funcionalmente a mesma que existe entre a mensagem original e os receptores originais. É o que se faz nas expressões idiomáticas: matar dois coelhos com uma cajadada só (o coelho é o animal vitimado) torna-se *to kill two birds with one stone* (o pássaro é o animal alvejado). Para Venuti (2008), a equivalência dinâmica é um exemplo de “abordagem domesticante”, a qual descaracteriza o original ao tornar fluido o texto na língua-meta.

Já se postulou também a existência de uma língua artificial interposta entre dois ou mais idiomas. Seria uma língua metafísica, ou ainda uma língua existente apenas na cabeça do tradutor – chamemo-la de *tradu-língua*. Historicamente, existe o conceito do *tertium comparationis*, mas aqui se concentrará na contribuição de Walter Benjamin, que formulou algo semelhante com o nome de *reine Sprache* (língua pura) em seu texto

*Die Aufgabe des Übersetzers* (2010, p. 212). A língua pura permitiria ao profissional abstrair o confor de um código linguístico para, em seguida, o mesmo confor ser transposto para outro código linguístico. O caminho seria: *língua de partida–tradulíngua–língua de chegada*. Essa língua intermediária seria, portanto, a plataforma que permitiria o diálogo entre todas as línguas postas em confronto no ato tradutório.

As teorias da Tradutologia expostas até aqui propõem ser possível traduzir praticamente todas as palavras. Por outro lado, elas admitem dificuldades na tradução da cosmovisão de uma cultura à outra. Para se traduzir mundivisões, algumas teorias recorrem a operações em cujos resultados o confor do original fica mais preservado, ainda que a fluidez na mensagem da língua-alvo fique prejudicada. Tais teorias, como vimos, são as seguintes, na ordem em que foram apresentadas.

1. *Interlíngua*.
2. *Equivalência formal / abordagem estrangeirizante*.
3. *Tradulíngua (die reine Sprache – a língua pura)*.

### III. ANÁLISE DAS ANALOGIAS

Cada uma das teorias acima pode ser usada em analogia com a transposição interparadigmática. Novamente, conforme apontado por Pym (2007), a tradução assim deixa de ser entendida como operação puramente linguística e passa a servir como metáfora a propostas filosóficas, nesse caso, paraepistemológicas. Para o interparadigmólogo que lançará mão de tais analogias, é importante saber o que implica cada uma dessas metáforas.

Começando de trás para frente, a *tradulíngua* promoveria a interface epistêmica, sendo o *tópos* de articulação de todos os paradigmas existentes. A idealização de Benjamin, contudo, é platônica e metafísica. Não há evidências cabais de que a mente do tradutor, ou o seu traduciopensene (MENDONÇA, 2013), opere a partir do pensamento puro. Assim, a *tradulíngua* não pode implicar um campo neutro, ou um metaparadigma, até porque qualquer enunciação de metaparadigma parece partir de um paradigma pré-existente, de uma filiação filosófica prévia inevitável, e por isso mesmo, unilateral.

Por sua vez, a *equivalência formal / abordagem estrangeirizante* propiciaria o diálogo interparadigmático, pois há inteligibilidade mútua. Contudo, mesmo aqui o *outro* ainda estaria sendo enunciado a partir de diferente paradigma. E quando este paradigma enuncia o *outro*, ele parte inescapavelmente de suas premissas e axiomas, impondo a própria visão de mundo, mesmo que o tente evitar. Isso ocorre porque a estrutura do paradigma enunciante – e tal estrutura é sua constituição e condição mesmo de existência – prevalece inevitavelmente.

Já a *interlíngua* viabilizaria o diálogo interparadigmático por meio de sincretismo linguístico. A mistura de características de ambos os códigos linguísticos em formulação nova, híbrida, permite entendimento mútuo, não sem incorrer ocasionalmente em mal-entendidos, tal qual acontece com turistas brasileiros falando portunhol em Buenos Aires, por exemplo.

Além das teorias apontadas acima, existiria a possibilidade do sesquilinguismo. De acordo com esse conceito, cada um se comunica na sua própria língua. Trata-se de monolinguismo produtivo e bilinguismo receptivo, isto é, cada um se expressa oral ou graficamente no seu idioma (habilidades ativas monolíngues), mas exercita a compreensão auditiva e/ou escrita do idioma do outro (habilidades passivas bilíngues). Tal solução parece ser a mais democrática, pois preservaria o paradigma de cada um ao mesmo tempo em que promoveria a intercompreensão. Por outro lado, o sesquilinguismo exige certo nível de intelectualidade e poliglôto.

A análise realizada nesta seção pode ser resumida em quatro itens, expostas em ordem funcional:

1. **Tradulíngua:** propicia diálogo interparadigmático por meio de *metaparadigma*, mas o conceito é platônico, metafísico e enviesado, pois parte de uma filiação filosófica inevitável, unilateral, sem a pretendida imparcialidade.

2. **Equivalência formal / abordagem estrangeirizante:** há diálogo interparadigmático, porém cada paradigma continua operando a partir, unicamente, de suas premissas, impondo sua visão de mundo.

3. **Interlíngua:** possibilita o diálogo interparadigmático por sincretismo linguístico, o qual, apesar de democrático, frequentemente leva a mal-entendidos.

4. **Sesquilinguismo:** preserva os paradigmas individuais ao mesmo tempo em que promove a intercompreensão interparadigmática, pois há compreensão direta sem necessidade de tradução. Por outro lado, exige do(a) conscienciólogo(a) a vivência do políglotismo.

## CONCLUSÃO

O presente artigo buscou explorar, por meio de pesquisa bibliográfica, as possibilidades de analogia entre a transposição interparadigmática e a interlíngua, a equivalência formal / abordagem estrangeirizante e a tradulíngua. A partir disso, explorou também a alternativa de analogia com o sesquilinguismo.

Em vista da análise dessas diferentes contribuições teóricas, espera-se que, depois da leitura, o estudioso da Interparadigmologia possa selecionar a analogia tradutória mais pertinente ao seu ponto de vista.

## REFERÊNCIAS

01. **Benjamin**, Walter; *Die Aufgabe des Übersetzers*; In: **Heidermann**, Werner (org.); *Antologia Bilíngue: Clássicos da Teoria da Tradução*; 344 p.; 2ª Ed.; rev. e amp.; Vol. 1; Alemão-Português; UFSC / Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução; Florianópolis, SC; 2010; página 212.
02. **Berman**, Antoine; *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*; trad. Marie-Helène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini; 144 p.; 7 letras; Rio de Janeiro, RJ; 2007.
03. **Bredella**, Lothar & **Richter**, Annette; *Sapir-Whorf Hypothesis*; In: **Byram**, Michael (ed.); *Routledge Encyclopedia of Language Teaching and Learning*; 714 p.; Routledge; Nova Iorque; EUA; 2004; página 522.
04. **Fernandes**, Pedro; *Multitraducologia*; verbete; In: **Vieira**, Waldo (org.); *Enciclopédia da Consciencologia*; Disponível em: <[www.tertuliaconsciencologia.org/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=2029&&Itemid=13](http://www.tertuliaconsciencologia.org/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2029&&Itemid=13)>; acesso em: 25.10.13.
05. **Jakobson**, Roman; *Linguística e Comunicação*; tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes; 162 p.; 5ª Ed.; Editora Cultrix; São Paulo, SP; 1971; página 69.
06. **Mendonça**, Otto; *Interlíngua*; verbete; In: **Vieira**, Waldo (org.); *Enciclopédia da Consciencologia Eletrônica*; Disponível em: <[http://www.tertuliaconsciencologia.org/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=2029&&Itemid=13](http://www.tertuliaconsciencologia.org/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2029&&Itemid=13)>; acesso em: 25.10.15.
07. **Mendonça**, Otto; *Traduciopense*; verbete; In: **Vieira**, Waldo (org.); *Enciclopédia da Consciencologia Eletrônica*; Disponível em: <[http://www.tertuliaconsciencologia.org/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=2029&&Itemid=13](http://www.tertuliaconsciencologia.org/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2029&&Itemid=13)>; acesso em: 25.10.15.
08. **Mounin**, Georges; *Les Problèmes Théoriques de la Traduction*; 298 p.; Gallimard; Cher; França; 1963; página 55.
09. **Nida**, Eugene; *Principles of Correspondence*; In: **Venuti**, Lawrence (ed.); *The Translation Studies Reader*; 546 p.; 3ª Ed.; Routledge; Nova Iorque; EUA; 2012.
10. **Pym**, Anthony; *Philosophy and Translation*; In: **Kuhiwczak**, Piotr & **Littau**, Karin (orgs.); *A Companion to Translation Studies*; 182 p.; Multilingual Matters Ltd; Clevedon; Reino Unido; 2007; página 24.
11. **Rónai**, Paulo; *A Tradução Viva*; 210 p.; 3ª Ed.; Nova Fronteira; Rio de Janeiro, RJ; 1981; página 16.

12. **Shugaar**, Antony; *Translation as a Performing Art*; In: *The New York Times*; *The Opinion Pages*; Disponível em: <[http://opinionator.blogs.nytimes.com/2014/01/27/william-weaver-and-translation-as-a-performing-art/?\\_r=0](http://opinionator.blogs.nytimes.com/2014/01/27/william-weaver-and-translation-as-a-performing-art/?_r=0)>. Acesso em: 22.01.15.
13. **Venuti**, Lawrence; *The Translator's Invisibility*; 324 p.; 2ª Ed.; *Routledge*; Nova Iorque; EUA; 2008.
14. **Vieira**, Waldo; *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.572 p.; 1 blog; 21 E-mails; 551 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 18 fotos; glos. 650 termos; 19 websites; alf.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2014; páginas 1.572.
15. **Vieira**, Waldo; *Traduciologia*; verbete; In: **Vieira**, Waldo (org.); *Enciclopédia da Conscienciologia Digital*; 11.034 p.; glos. 2.498 termos (verbetes); 300 especialidades; 192 microbiografias; 147 tabs.; 191 verbetógrafos; 8ª Ed. Digital; Versão 8.00; *Associação Internacional Editares*; & *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu, PR; 2014; página 1.407.
16. **Vinay**, J. P. & **Darbelnet**, J.; *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*; 332 p.; *Didier*; Paris; França; 1958; página 58.
17. **Zaslavsky**, Alexandre; *O Princípio da Intercompreensão nas Relações Paradiplomáticas entre CCCI e Socin*; revista; *Conscientia*; Vol. 12; N.4; Outubro a Dezembro, 2008; páginas 333 a 334.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. **Idem**, Waldo; *Holofilosofia*; verbete; In: **Vieira**, Waldo (org.); *Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica*; CD-ROM; 11.034 p.; 8ª Ed.; versão-protótipo; rev. e amp.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2013; páginas 5.622 a 5.624.

